

«A necessidade e a miseria, a penuria e a fome reinam na Alemanha. A Belgica, a Polónia e a Servia, que o vampiro do militarismo alemão suga até ao sangue e á medula, assemelham-se a grandes cemiterios. O mundo inteiro, a civilização europeia tão louvada, caem em ruínas na anarquia (\*) desencadeada pela guerra mundial. E no interesse de quem? Com que fim, todos estes horrores e bestialidades? Para que os grandes proprietários prediais e feudais da Prussia oriental e os especuladores capitalistas possam encher as algibeiras, explorando novos países; para que os grandes industriais da Alemanha, os fornecedores dos exercitos possam, dos campos semeados de cadaveres, transportar para os seus celeiros, colheitas de ouro; para que os jogadores de bolsa possam realizar os seus odiosos negocios... Para que o militarismo, a monarquia, para que a mais negra reacção possa adquirir um poder inatacavel, possa tornar-se absoluta dominadora. Nada indica o termo desta orgia sanguinaria; antes se estende cada vez mais. Talvez amanhã a carnificina ganhe novos países, novas partes do mundo. Os alemães que ganham com a guerra, impelem á guerra com os Estados-Unidos. Amanhã, talvez, impor-nos-ão que apontemos as armas contra novos exercitos de irmãos, contra os nossos companheiros de trabalho e de lutas na America.»

O manifesto termina convidando o proletariado alemão a manifestar-se contra a «carnificina imperialista».

Parece que o *comité* director do partido social-democrata alemão denuncia, como coisa imunda, um folheto, publicado na Alemanha, onde, entre outras coisas, se lê:

«Os Scheidemann e C.<sup>a</sup> não são os directores do partido social-democrata, mas os seus corruptores. Espesinharam os estatutos e o programa do partido. Os trabalhadores devem revoltar-se contra a ditadura dêste bando de deputados. A essa gente não se deve entregar nem um centimo de cotização.»

**Logica** Um dos maiores erros e desvios de que nos acusam os revolucionarios ortodoxos, é o de favorecermos o nacionalismo, com os nossos desejos de defesa e emancipação nacional. É assim que o *Réveil*,—talvez

(\*) Salvo seja. — N. da R.

o mais puritano e intransigente órgão anarquista da actualidade—colocando-se superior a sentimentalismos piegas, diz a proposito da Belgica:

“Essa Belgica que provoca simpatias tão unanimes, não tem cometido no Congo, infamias bem maiores do que aquelas de que é ela é victima, por sua vez?”

Mas mais tarde, dá-se a revolta da Irlanda, nas condições morais que todos sabemos, indiscutivelmente inferiores ás da resistencia belga, revolta que em grande parte foi um manejo alemão, e o *Réveil*, entusiasmado com o movimento de autonomia nacional, exclama: “Viva a Irlanda livre na humanidade livre!”

Este exemplo, que está longe de ser unico, mostramos uma destas duas coisas: ou que ninguem se livra de favorecer nacionalismos ou que, á força de se não querer pender para os aliados, se pende sem se dar por isso, para os germanicos, fenómeno, este ultimo, bem mais vulgar do que se julga talvez.

“Viva a Belgica livre!” exclamação nacionalista; “Viva a Irlanda livre!”: exclamação anarquista. Grande coisa, a logica, o horror pelo nacionalismo, a pureza das ideias!

**Pela Paz!** Na conferencia de Kienthal, de que dissemos alguma coisa no nosso ultimo numero, houve, segundo lemos na *Libre Fédération*, de Lausanne, um pequeno episodio, que não deixa por isso de ser edificante, sobre as intenções dos alemães delegados á reunião. Diz *La Libre Fédération*:

“Os delegados alemães pediram aos delegados francezes que provocassem um movimento revolucionario em França, no elemento civil, o que, apesar de tudo, fez indignar os francezes, visto os alemães serem incapazes dum esforço qualquer nesse sentido na Alemanha, vindo o movimento revolucionario a aproveitar apenas ao kaiser. Poderá negar-se o que dizemos; mas não deixa por isso de ser verdade e é preciso que os internacionalistas o saibam”.

E' possivel que os delegados alemães estivessem cheios de boa fé ao convidarem os francezes a fazerem em França o que elles proprios não podem ou não querem fazer no seu país. Mas deve-se concordar em que o convite é significativo da mentalidade d'esses delegados, qualquer que tenha sido o proposito que os aministrava. E se doutra